

## Vidas paralelas – ícones abraçados (Achegas filológicas para o estudo do “milagre das rosas” de Santa Isabel da Hungria e da Rainha Santa Isabel)\*

István Rákóczi \*\*

### Signos e sinais

Por absurdo que possa parecer, entre as manifestações artísticas das periferias europeias, mesmo escolhidas ao acaso, podem detectar-se coincidências iconográficas absolutas ou só aparentes, que deixam perplexos os estudiosos. O fenómeno acontece também em relação a Portugal e à Hungria, quando observamos signos visuais repetidos, outrora tidos de foro exclusivamente “próprio”. A notável semelhança entre as máscaras de Carnaval de Mohács e os “caretos” de Portugal, ou a assombrosa unidade dos motivos nos bordados do Minho e da região de Jász explicam-se por um manancial folclórico comum indo-europeu ou até mesmo por uma dada presença de substratos alanos<sup>1</sup>. No entanto, este argumento deixa de ser satisfatório no caso de motivos de obras artísticas e de autores individualizados, pois a sua explicação torna-se já muitíssimo mais embaraçosa<sup>2</sup>. Entre estes dois exemplos extremos – e como um *topos* necessariamente migrante de um mesmo tema adaptado e reinterpretado –, julgamos poder situar o alvo da atenção destas linhas: a representação iconográfica, duplamente familiar, do “milagre das rosas” de Santa Isabel da casa dos Árpades e de Santa Isabel da casa de Aragão. O nosso termo “familiar” naturalmente não é fortuito, pois está justamente empregue num contexto genealógico, dado que constitui de certa forma a causa e ao mesmo tempo a explicação do fenómeno que nos propomos estudar, e que se sabe unia as nossas rainhas santas com laços não apenas espirituais mas também dinásticos<sup>3</sup>.

---

\* Num *Festschrift* dedicado à Professora Doutora Sz. Jónás Ilona, minha Mestre em Estudos Medievais da Universidade de Budapeste, tive ocasião de publicar uma primeira versão em húngaro do presente artigo. O texto português que agora se apresenta, inteiramente revisto e aumentado, ficou a dever-se a vários incentivos. Primeiro, o facto de ter tido o prazer de continuar as minhas investigações há muito iniciadas, para poder acompanhar e dirigir a tese de licenciatura do nosso aluno Péter Bencze, que, em Portugal, aprofundou a sua pesquisa sob a orientação do nosso colega Luís Carlos Amaral. Em segundo lugar, a feliz coincidência de ter sido convidado a proferir uma palestra sobre o mesmo assunto, em Maio de 2001, no âmbito das actividades da *Semana da Cultura Húngara*, inserida no programa dos eventos do Porto 2001. No momento em que me associo à justa homenagem ao Professor Doutor Baquero Moreno, de quem me considero – embora distante – discípulo, julguei oportuno associar-me a este acontecimento com um trabalho iniciado na homenagem à minha antiga Professora. Aproveito este ensejo para voltar a agradecer ao homenageado os seus estímulos, conselhos e ajuda, muito particularmente aquando do *VI Centenário do Infante D. Pedro*. Há dez anos atrás a minha presença neste marcante congresso comemorativo, realizado em Coimbra, não teria sido possível sem o convite magnânimo deste Professor português.

\*\* Universidade ELTE de Budapeste, Hungria.

<sup>1</sup> Cf., por exemplo, a etimologia atribuída por Damião de Góis à sua cidade natal: Alenquer > *Alanorum Ecclesiam* (Alanen Kerk), in: *Descrição da cidade de Lisboa, 1552* (trad. do texto latino, intr. e notas de José da Felicidade Alves), Lisboa, Livros Horizonte, 1988, p.61-62.

<sup>2</sup> Tal é o caso, por exemplo, das cerâmicas dos contemporâneos Júlio Pomar e Margit Kovács. As figuras de terracota desta – e muito particularmente duas peças, as *Mulheres de pescadores* e *Um rendez-vous secreto* (Museu Margit Kovács de Szentendre) – mostram um singular e forte paralelismo figurativo com a composição intitulada *Garrafa* (Museu da Cerâmica das Caldas da Rainha) do artista português. Cf. as respectivas descrições em: *50 anos de Cerâmica Caldense. Catálogo, s.a. 1930-1980*, p.84, peça 98, e P. Brestyánszky Ilona: *Kovács Margit* (catálogo), Budapeste, Corvina, 1978, p.201 e 203-204.

<sup>3</sup> Para demonstrar tal parentesco temos de recuar até Endre (ou André) II, Rei da Hungria, cuja outra filha

### A *Gloria Teutoniae*

A rainha Santa Isabel da Hungria, como é sabido, era filha do monarca André II e de Gertrude de Merânia e nasceu em Pozsony – hoje Bratislava –, ou Sárospatak, localidades da Hungria histórica, que se disputam ainda hoje como lugar do seu nascimento, ocorrido em 1207<sup>4</sup>. Cognominada também *Gloria Teutoniae*, a Santa húngara da estirpe dos Árpades, foi esposa de Luís da Turíngia, e a sua vida decorreu, desde muito jovem, em terras germânicas, sobretudo em Wartburg, onde, em 1221, casou aos 14 anos, idade mínima consentida pelo direito canónico para contrair matrimónio. As biografias, as lendas e a chamada *Dicta* – a documentação indispensável contendo os testemunhos para a sua canonização –, referem um curto período de convívio conjugal feliz e equilibrado e apresentam-na como esposa ideal, portadora de todas aquelas virtudes que legitimam a futura Santa. Aos 20 anos de idade e já com quatro filhos, perde o marido, cavaleiro cruzado, e começa um novo período atribulado da sua vida de viúva, que não deixa de se caracterizar pelas mesmas virtudes e dedicação à causa dos pobres, embora a sua situação económica menos abastada condicione as acções caritativas e de assistência<sup>5</sup>, o que viria a traçar aliás o seu perfil de Santa. Heroína duma nova era, profetizada por Joaquim de Fiore, a do advento duma Igreja Nova de Santos, que suprime a riqueza material ao oferecê-la em igualdade e pureza, Isabel, que se regia por estas virtudes, será protagonista de inúmeras lendas e milagres<sup>6</sup>. Estes evidenciam uma Santa “activista” e não

---

Violante ou Yolanda casou com Jaime I (“O Conquistador”) de Aragão, precisamente no ano da canonização de Santa Isabel da casa dos Árpades (ou da Turíngia). Isabel, nascida de Gertrude de Merânia, primeira mulher de André II, e Violante, fruto do segundo casamento de seu pai com Jolanthe de Courtenay, eram, portanto, meias-irmãs. O filho de Jaime I e de Violante reinou com o nome de Pedro III, e a sua filha, a futura Rainha Santa portuguesa será chamada “la Rosa de la casa de Aragón”. A avó de Isabel de Aragão era, assim, filha de Endre (ou André) II, e meia-irmã da princesa húngara. Estes laços dinásticos são amplamente, e muito bem tratados, nas obras sobre os contactos húngaro-espanhóis dos últimos cem anos, desde Lajos Kropf até Ádám Anderle. Cf. a obra deste último: *En contacto. Historia de las relaciones húngaro-españolas*, Budapeste, 1992, para resumir uma vasta bibliografia em húngaro que vai de Kropf Lajos: “Árpádházi Jolán, Aragón királynéja” (Yolanda da casa dos Árpades, rainha de Aragão), in: *Századok*, 31, 1897, até Ádám Anderle: *Kalandozók és zarándokok. Magyar témák a spanyol történelemben* (Aventureiros e peregrinos. Temas húngaros na história espanhola), Szeged, 1992. Uma monografia de 1942 sempre útil, continua a ser a de Ferenc Olivér Brachfeld: *Violant d’Hongria*, já em terceira edição pela Associació Cultural Catalano-hongaresa, Barcelona, 1991. Para os aspectos teóricos ver o capítulo, “A női szentség mintái Közép-Európában és Itáliában” (Os modelos de santidade feminina na Europa Central e na Itália), in: Klaniczay Tibor-Klaniczay Gábor: *Szent Margit legendái és stigmái* (Lendas e estigmas de Santa Margarida), Budapeste, 1994, p.230-234.

<sup>4</sup> Para esta recapitulação da biografia da Santa partimos da excelente monografia de Sz. Jónás Ilona: *Árpád-házi Szent Erzsébet*, 2. Ed. (na série Életek és Korok da Magyar Történelmi Társulat, org. H. Balázs Éva), Akadémiai Kiadó, 1989, que continua a ser incontornável e prática.

<sup>5</sup> Cf. L. Karl: *Szent Erzsébet és az üldözött nő mondája* (Santa Isabel e a lenda da mulher perseguida), Budapeste, 1908, e Sz. Jónás, *op. cit.*, p.119-123. Importa salientar que a submissão incondicional ao guia espiritual, Konrad von Marburg, a que estava a ser sujeita Isabel, também por pressões da família do defunto marido, prendia-se com esta atitude caritativa “exagerada”. Aliás, as relações da Santa com o seu confessor conheceram momentos extremamente tensos e conduziram por vezes a situações limite, o que nos leva de novo a reflectir sobre a estreita linha que separava os santos dos hereges, os modelos dos excluídos. Deste ponto de vista, o contacto da Santa com um dos inquisidores mais poderosos e temidos, como era Konrad von Marburg, não deixa de suscitar interpretações algo ambíguas. Cf. a mensagem iconográfica que ressalta do quadro em que o confessor açoita a Santa, incluído numa miniatura do *Psalterium* utilizado no mosteiro de Genlis (Aisne) fundado em 1245, hoje na Bibliothèque Saint Geneviève, Paris, Ms. 2689, fol. 12, reproduzido em, Klaniczay Tibor-Klaniczay Gábor: *Szent Margit legendái és stigmái* (Lendas e estigmas de Santa Margarida), Argumentum Kiadó, Budapeste, 1994, anexo XXX e p.247.

<sup>6</sup> A chamada *Miracula Sanctae Elyzabet* conserva 106 curas miraculosas. A documentação primitiva reexaminada, *Miracula felicitis Elyzabet*, e mandada para a Cúria Romana em 1235, elimina os elementos fabulosos do seu primitivo culto (dois terços dos miraculados eram crianças e a grande maioria provinha do meio camponês da região circunvizinha). Klaniczay Gábor: *Az uralkodók szentsége a középkorban. Magyar dinasztikus szentkultuszok és európai modellek* (A santidade dos monarcas na Idade Média. Cultos de santos dinásticos húngaros e modelos europeus), Balassi Kiadó, Budapeste, 2000, p.312.

sujeita passiva e reclusa de um destino que aceita numa renúncia parcial ou total de bens, notabilizando-se pela multiplicação redistributiva daquilo que tem para oferecer: pão, compaixão e amor, ganhos inclusivamente pelo labor duma simples beguina, como ela se orgulha de ser considerada. Com grande espanto e respeito simultâneos, os embaixadores enviados por seu pai comentaram pouco antes da sua morte prematura: “nunca foi vista uma filha dum rei tecer a lã”<sup>7</sup>.

### A metátese do culto

A primeira biografia de Santa Isabel da Hungria, conhecida por *Summa Vitae*<sup>8</sup>, surge um ano após a sua morte. A defunta rainha, desaparecida muito jovem, aos 24 anos, viria a inspirar numerosos apologistas, autores das suas lendas, e uma assaz sofisticada tradição hagiográfica, só comparável pela sua riqueza com as de Santa Clara e de São Francisco de Assis, em cuja vertente espiritual se insere a sua “obra”. Os mais importantes panegiristas do século XIII – e só do século XIII – foram o cisterciense Caesarius von Heisterbach, o franciscano Tomasso Celano, geral da ordem, o poeta francês Rutebeuf, bem como os celebrados autores dominicanos, Jacobus Voragine e Dietrich von Apolda, que serão os responsáveis pela construção do perfil de exemplo-modelo que passou a ser universalmente conhecido<sup>9</sup>. De igual modo, veio a adquirir uma grande importância – precisamente por causa da inesperada e violenta morte do relator do processo de santificação, o confessor e guia espiritual Konrad von Marburg –, uma outra biografia detalhada, o denominado *Libellus De Dictis Quattor Ancillarum*, compilado já em 1235 e que se baseia nos depoimentos das damas mais íntimas da corte. Esta *Vita*, da qual partiu a esmagadora maioria das futuras refundições<sup>10</sup>, foi obra das quatro “evangelistas”, Gulda, Isentrudis, Elisabete e Irmegalda e a ela corresponde a lenda mais importante do seu tempo. Estas primeiras abordagens biográficas, aliás, pautam-se todas por uma característica comum: desinteressarem-se de uma certa “apropriação dinástica”, evitando assim uma representação “emblemática” da Santa, características a que estavam sujeitas as obras congêneres. Estes traços, no entanto, aparecerão posteriormente, já na fase da *divulgação propagandística* do seu culto. Um teólogo dominicano do século XV, Bartolomeo Sibilla salienta que “há maiores

<sup>7</sup> A seguidora e parente Santa Margarida (1242-1270) quando pensava que não era ouvida teria exclamado: “Ai, meu Deus, antes fosse uma pobre serva do que filha de rei, para te servir melhor”. Cf. Klaniczay Tibor-Klaniczay Gábor, *op. cit.*, p.243.

<sup>8</sup> Ou *Breve narratio de vita*. É da autoria de Konrad von Marburg. A santa faleceu em 7 de Novembro de 1231, enquanto o seu confessor morreu assassinado às mãos dos “hereges”, em Julho de 1233. Cf. Klaniczay, *op. cit.*, p.311.

<sup>9</sup> Estas obras do séc. XIII foram modernamente editadas. Cf. Albert Huyskens, “Die Schriften über die heilige Elisabeth von Thüringen”, in: Alfons Hilka (Hrsg.), *Die Wundergesichten des Caesarius von Heisterbach* (Hanstein, Bonn, 1937), III, p.329-390. A lenda de Tomasso Celano, que começa por *Vas admirabile, opus excelsi*, foi editada por Leonard Lemmens: “Zur Biographie der Heiligen Elisabeth, Landgräfin von Thüringen”, in: *Mittelteilungen des historischen Vereins der Diözese Fulda*, 4, 1901, p.8-12, e aparece citada por Klaniczay, *op. cit.*, p.313. De Rutebeuf, “*La vie sainte Elysabel*”, encontra-se em, *Oeuvres complètes de Rutebeuf*, ed. Edmond Faral-Julia Bastin (Picard, Paris, 1959-1960), II, p.60-166; e de Vicent de Beauvais, *Memoriale omnium temporum e Speculum bistoriale*, aparece em Klaniczay, *op. cit.*, p.313. Sobre os autores franceses consultar Balázs Ilona, *Magyarország Szent Erzsébet a XIII. század francia irodalmában* (Santa Isabel da Hungria na literatura francesa do século XIII), Budapeste, 1930, em particular as p.12-17. Quanto à colectânea de Voragine veja-se, Jacopo da Vorazze, *Legenda Aurea*, ed. crítica de Giovanni Paolo Maggioni (SIS-MEL-Galuzzo, Milano, 1988), II, p.1156-1179. No que diz respeito a Dietrich von Apolda, a *Vita S. Elisabethae, viduae landravii Thuringiae et b. Margaritae, quarum illa Andreae II, haec Belae IV Hung. Regum filia erat*, encontra-se publicada por Monika Renner: *Die Vita der heiligen Elisabeth des Dietrich von Apolda* (Elwert Verlag, Marburg, 1993).

<sup>10</sup> Cf. Klaniczay, *op. cit.*, p.312.

santas do que Santa Catarina de Siena ou Santa Brigitta da Suécia, que não pela prédica, nem pelos sonhos proféticos souberam ser populares, mas *pela perfeição de suas virtudes* e só por elas”, como ficou provado pelo caso de Santa Isabel da Hungria<sup>11</sup>. Esta *sancta simplicitas* caracteriza todo um modelo de vida – de que viria a ser o padrão a nossa Santa –, que se reflecte também em toda uma geração de santas ou beatas princesas da Europa Central (como Santa Jadwiga da Polónia, Santa Catarina de Praga, ou Santa Margarida húngara), inspiradas no ideal das ordens mendicantes e em influências vindas de Itália. A profunda recepção “dinástica” destes elementos no século XIII originou santas, que obedecendo à chamada do *sponso celeste*, abdicaram do luxo e de privilégios, numa total entrega espiritual<sup>12</sup>. No século XIV, o seu culto dinástico impôs a revisitação do seu perfil primitivo<sup>13</sup>, o que por seu turno se traduziria numa reelaboração biográfico-hagiográfica, obedecendo a formas mais “modernas” duma santidade assente já numa mística visionária<sup>14</sup>.

### **São rosas**

É neste contexto que surge como paradigmático o motivo do “milagre das rosas” que aparece na segunda metade do século XIII, aliás na Toscana, e cuja primeira ocorrência detectamos na *Beata Elisabeth filia regis Ungarorum ...*, algo simples e desprovido dos tópicos posteriormente divulgados: “[...] tudo o que podia, oferecia aos pobres. Uma vez levando consigo o que da cozinha furtara, os alimentos transformaram-se-lhe miraculosamente em esplendorosas flores”<sup>15</sup>.

Para confrontar esta informação, quase diria que secamente factual, como se não se tratasse de um milagre, com a sua reestruturação funcional já referida, passamos a citar – sem abandonar o espaço físico da Toscânia – um outro texto, que volvido século e meio, relata o mesmo episódio num breviário franciscano, de 1332, actualmente conservado em Montecassino: “Muitas vezes levava ela aos pobres carne da cozinha. Uma vez, estando o conde à entrada da cozinha, surpreendeu-a. Ao avistá-lo ficou – muito novinha que era – toda ruborizada. O conde tinha-se aproximado e perante os cavaleiros da sua companhia, num tom meio jocoso perguntou-lhe o que levava no seu avental. Ela, de sorriso nos lábios, perguntou também por seu turno: «Acreditaríeis se dissesse que levo flores para o meu amigo?» A isto o conde reagiu: «Quero vê-las!» Ela, obediente, deixou cair as pontas do avental, onde em vez da carne escondida apareceram transfiguradas e vistas por todos, magníficas rosas perfumadas que foi espalhando em seu redor. Como não podia ter colhido tão formosas rosas num rigoroso Inverno, o marido acabou por se aperceber que o amigo de sua mulher era Jesus Cristo todo-poderoso, que não consentia

<sup>11</sup> Citado por Klaniczay no capítulo intitulado “O preço do sucesso: a metamorfose dos santos dinásticos”, da sua *op cit.*, p.286. Cf., também, Gabriella Zarri, “Le sante vive. Per una tipologia della santità femminile nel primo Cinquecento”, *Annali dell'Istituto Storico Italo-germanico in Trento*, 6, (1980), p.371-445, 405-406.

<sup>12</sup> Influenciado certamente por André Vauchez, Klaniczay, na *op. cit.*, centra a sua atenção sobre a renovação da ideia da *beata stirps* na Europa Central, retirando importantes conclusões quanto à feminização (p.193) e sobre toda uma *forma vitae* que Santa Isabel representa como padrão nas cortes centro-europeias (p.194).

<sup>13</sup> Klaniczay pai e filho sintetizam sugestivamente esta transformação inesperada: “Como *cinderelas* no baile e no final da história, estas princesas centro-europeias de santa vida, auto-humilhando-se vestidas de farrapos, ou de hábitos de freiras descalças e mendicantes, passam a mudar de vestuário na Itália dos séculos XIV-XV, para que, já princesas e gloriosas, possam integrar a corte de Santa Maria Virgem, mas de coroa resplandescendo como suas dignas donzelas”. Klaniczay-Klaniczay, *op. cit.*, p.243.

<sup>14</sup> Para obedecer a este novo paradigma, Santa Margarida, por exemplo, num quadro dum pintor anónimo da escola de Bolonha do século XIV que se conserva hoje em dia no Museu Nacional de Arte Antiga, aparece coroada com um crucifixo e um livro na mão para inibir ainda mais o carácter “revelativo” do seu exemplo. Cf. Klaniczay-Klaniczay, *op. cit.*, p.243.

<sup>15</sup> “*pauperibus quodcumque poterat impendebat. In cuius gremio, dum cibos ablatus de coquina deferret, inventi sunt flores vernantes divinitus commutati*”, Klaniczay, *op. cit.*, p.288, nota 235.

que Isabel fosse envergonhada perante ele e os outros. A partir daí ela ficou livre em todas as suas acções para poder obrar junto dos pobres o que melhor entendesse”<sup>16</sup>.

A história tornou-se rapidamente muito popular (para não dizer folclórica), para além de se revelar como um motivo iconográfico altamente gratificante. Isabel aparece deste modo retratada por Giotto na capela Bardi da Santa Croce de Florença, num retrato do ciclo mural da Donnaregina de Nápoles (1320), proliferando esta imagem<sup>17</sup> que se tornou emblemática nas representações italianas do século XIV. O episódio continuou a divulgar-se, aliás, em inúmeras pinturas, esculturas, miniaturas, etc., até ao ponto de vir a ser um dos atributos obrigatórios desta Santa<sup>18</sup>.

Todavia, importa salientar que o motivo das rosas está intimamente ligado ao contexto cultural mediterrânico, particularmente italiano, e que tanto as suas representações iconográficas, como as descrições textuais do milagre, demoraram século e meio para passar os Alpes<sup>19</sup>. Embora tenha ensaiado este “salto” ainda no século XIV, uma lenda da autoria de Hermann von Tritzlar apenas se difundiu na centúria seguinte, popularizando-se tanto na Alemanha, como na Hungria. Neste último caso, e com o século bem avançado, a difusão ficou a dever-se sobretudo às versões franciscanas de Perbált de Temesvár e de Osvát Laskai<sup>20</sup>.

Em França, por seu turno, as rosas chegam inicialmente metafóricas e apresentam-se pela primeira vez na obra *Vie de Sainte Ysabelle*, do trovador Rutebeuf, numa comparação entre a Santa e a fresca inocência da flor<sup>21</sup>.

Talvez valha a pena realçar que o “milagre das rosas” aparece associado a um outro episódio hagiográfico: o do leproso, que surge pela primeira vez num sermão do dominicano Thomas de Chartres, em 1237, e que se resume no seguinte: “Vou contar o *exemplum* daquela virtuosa virgem que se chamava Santa Isabel. Não a mãe de São João Baptista, mas a filha

<sup>16</sup> “*Et semel ipsa ibat de coquina portans carnes pro pauperibus in gremio suo. Et comes erat ante coquinam, quem ipsa videns erubuit, eram enim adhuc satis juvenis. Comes autem veniens ad eam quaesivit coram omnibus militibus, quid portaret in gremio, quasi jocose. Ipsa subridens respondit: “Credatis quod rosas amico meo?”, et comes ad eam “Ego volo videre”. Et ipsa volens ei obedire, laxavit germium vestimentorum suorum ubi possuerat carnes, et subito rosae pulcherrimae et redolentes omnibus videntibus apparuerunt, quas coram his spargens et projiciens admiranti sunt nimis, ubi in hieme rosas tam pulcherrimas invenisset. Vir autem ejus considerans et videns quod amicus suus omnipotens Jesus Christus non permiserat eam coram illis erubescere concessit et libertatem faciendi quaecunque velle”. Citado por Leonhard Lemmens: “Zum Rosenwunder der hl. Elisabeth von Thüringen”. *Der Katholik*, 82 (1902), p.383.*

<sup>17</sup> Tal é o caso de representações como a pintura mural dum dos seguidores de Bartolo di Maestro Fredi, que segue mais de perto o episódio narrado (Peruggia, c. 1330), e um tríptico atribuído a Lippo Vanni. Cf. Prokopp Mária: “Szent Erzsébet-falképciklus a nápolyi Santa Maria Donnaregina-templomban” (O ciclo de pintura mural da Igreja de Santa Maria Donnaregina de Nápoles), in: *A középkor szeretete, Történeti tanulmányok Sz. Jónás Ilona tiszteletére* (O amor ao medieval, Ensaios históricos em honra de Ilona Sz. Jónás), szerk.(org.) Klaniczay Gábor-Nagy Balázs, Budapest, p.413 e seg..

<sup>18</sup> Cf. entradas “Rosa”, “Santa Doroteia”, “Santa Isabel da casa dos Árpades”, in: *Keresztény művészet lexikona* (Enciclopédia de arte sacra), Ed. Corvina, Budapest, 1976, p.276 e 84-85, respectivamente. Seria importante, aliás, (e não apenas sob o prisma eclesiástico) estabelecer o trajecto paralelo do culto de Nossa Senhora do Rosário, tema que, no entanto, excede claramente as intenções deste artigo.

<sup>19</sup> Cf. Friedrich Schmoll: *Zur ikonographie der heiligen Elisabeth im 13 bis 16 Jahrhundert*, Geisen, 1914, p.61. Este autor refere que, apesar de ser o motivo mais popular e sobre o qual a arte nunca deixou de se inspirar, tal fenómeno não se expandiu para os territórios alemães, onde só se veio a manifestar bastante mais tarde.

<sup>20</sup> Embora pouco estudados sob o ponto de vista historiográfico, talvez devido ao seu latim rebuscado, a oratória destes dois padres desempenhou um papel de relevo na evolução do culto de Santa Isabel na Hungria. Mesmo assim, para os aspectos iconográficos cf., também, Timár Kálmán: “Árpád-házi Szent Erzsébet legendájához” (Para o estudo da lenda de Santa Isabel da casa dos Árpades), *Ethnographia*, 20 (1910), p.193-200 e 262-276, bem como os trabalhos assinalados na nota 242 de Klaniczay, *op. cit.*, p.289.

<sup>21</sup> O opúsculo parece ser algo medíocre em comparação com a obra poética. Devemos-lhe, no entanto, a invenção do nome “Isabel”, uma transposição muito conseguida do nome original, que tinha contribuído substancialmente para a propagação e popularização do seu culto na Europa Ocidental. Cf. Balázs Ilona, *op. cit.*, p.18.

daquele rei pagão que se chamava Landogrand ou Landegrant<sup>22</sup>. Esta jovem era de uma fé ardente e humilde e deleitava-se em fazer obras de piedade e de beneficência. Tinha recolhido pobres em segredo no seu quarto, lava-lhes os pés e até os deitava na sua belíssima cama. Acontece que uma vez o Senhor apresentou-se-lhe na forma de um repugnante leproso. A virtuosa jovem tinha-O recolhido também e lavando-Lhe os pés perguntou-Lhe se não queria repousar na sua cama para se reconfortar. Foi o que aconteceu. Sabendo disto, seu pai veio caluniá-la, mas foi um leito cheio de rosas que encontrou, pairando um esplêndido odor por toda a câmara. Ao saber as razões converteu-se, tornando-se cristão”<sup>23</sup>.

Mas voltemos ao motivo das rosas e aproximemo-nos mais da Península Ibérica. Como foi referido, o berço italiano do motivo iconográfico apresenta-se não só como cronologicamente o primeiro, mas o mais “polivalente” também quando ocorre um certo aproveitamento utilitário do tópico. Assim, passa a integrar, por exemplo, a lenda refundida e mais ampla de Rosa de Viterbo, já no século XV, e de que nos dá testemunho o seguinte episódio. Benozzo Gozzoli pinta um *milagre das rosas* de Santa Isabel em Montefalco, mas pura e simplesmente, com uma naturalidade tão *naïf* quanto surpreendente, transfere-o para Rosa de Viterbo<sup>24</sup>. Para tal efeito bastou substituir apenas o nome da Santa húngara, cuja figura – já pintada – foi rebaptizada. O empréstimo do motivo, como mais adiante veremos, repetir-se-á com alguma naturalidade também no contexto peninsular. Mas vejamos a projecção e impacto que Santa Isabel teve, primeiro na Europa e, depois, na Península Ibérica do século XIII.

### Influências longínquas

Acerca da influência que Santa Isabel exerceu sobre os seus contemporâneos, uma das melhores sínteses que até nós chegou é aquela que devemos a uma freira mística de Helfa – Matilde de Magdeburgo – que, em finais do século XIII, escreveu: “Perguntei ao Senhor, como terá podido Isabel, numa vida tão curta, obter tão alargada fama, e recebi a seguinte resposta:

– Isabel, minha seguidora, teve uma missão junto das damas dos palácios, que faltando à fé, viviam na amoralidade, despreocupadas, ou só pensando nos homens e em folgarem uma vida sem proveito algum. Foi a elas enviada para serem mais bem encaminhadas. O seu exemplo foi imitado por muitas, que a queriam e sabiam seguir!”<sup>25</sup>.

<sup>22</sup> Uma outra versão mais consagrada do motivo do leproso chegou a ser ainda mais popular. Nesta já é o marido que, irado e furibundo, irrompe no dormitório conjugal para descobrir no leproso de seus ciúmes Jesus Cristo crucificado. Note-se que no texto do sermão trata-se de uma virgem, cujo pai tem o nome Lande grant, isto é Landgraf, ou seja, conde, exactamente o mesmo título que Luís da Turingia, o marido de Santa Isabel, possuía. Cf. a observação de Klaniczay, *op. cit.*, p.290.

<sup>23</sup> “*Exemplum fuit quaedam bona virgo que vocatur Sancta Elisabet non mater beati Johannis, sed filia cuiusdam regis pagani qui vocabatur Londograndi, Landegrant. Et ista filia erat multum devota et humilis et circa opera caritatis et pietatis interna, ita quod recipiebat in occulto pauperes in camera sua, et lavabat pedes eorum, et curabat in pulcro lecto suo. Unde contigit quod dominus quodam die apparuit ei in specie unius leprosi horribilissimi. Ipsa tamen benigne eum recepit et lavit ei pedes. Quo requirente ut eum poneret, cubare in lectum suum, fecit, et de hoc accusata patri, pater accedens nichil invenit in lecto nisi rosas pulcherrimas et ita totum lectum odoriferum quod, cognita causa conversus fuit ad fidem [...]*”. Ms. BN lat. 16481, f.214, citado em Klaniczay, *op. cit.*, p.290.

<sup>24</sup> Giuseppe Abate, “S. Rosa di Viterbo, Terziana Francescana (1233-1251). Fonti storiche della vita e loro revisione critica”, *Miscellanea Francescana*, 52, fasc. i-ii (1952), p.112-278, e em especial p.238-39, assim como em Klaniczay, *op. cit.*, p.289.

<sup>25</sup> Encontrámos para além de gestos e motivos hagiográficos repetitivos, a unanimidade de fundarem hospitais e estalagens para ampararem os pobres, instituições que sobreviveram às princesas, perpetuando a caridade notória da *beata stirps*, desde a Polónia até Portugal. Hedwig ou Jadwiga fundou um hospital para atendimento de mulheres leprosas, das quais se recordou nas doações testamentárias, tratando-as por “nossas queridas filhas” (*Vita Hedvigis*). Em 1235 Ana de Praga fundou igualmente um hospital, dedicado a Santa Isabel, facto que, como veremos, se repetirá mais tarde no caso da Rainha Santa. Cf. Klaniczay, *op. cit.*, p.200.

Já vimos o caso das princesas centro-europeias, mas qual terá sido o impacto de Santa Isabel num contexto mais alargado? Pois também serviu de modelo e de inspiração e exemplo. Foi Gábor Klaniczay que chamou a atenção para o facto de que as lendas têm uma certa tendência para se transformarem em espelhos de príncipes ou de princesas, de que, aliás, o caso de Santa Isabel é paradigmático<sup>26</sup>. Já no ano da sua canonização, ocorrida em 1235, Gregório IX, ao redigir o perfil da princesa perfeita para Beatriz de Castela, recorda-se deste modelo e afirma: “*sancta Elisabeth conversationis exemplum [...] possuimus coram te, quasi pretiosissimum Margaritum*”<sup>27</sup>. São Boaventura dedica também à Santa um dos sermões em que trata três das virtudes por ela preconizadas: *probitas*, *sapientia* e *sanctitas*<sup>28</sup>. O culto quase contemporâneo de Santa Isabel atingiu tais dimensões que o rei São Luís – ele próprio também um terceiro franciscano – resolveu baptizar a sua filha com este nome. O filho de Santa Isabel, Hermann, que por algum tempo foi educado na corte de Luís IX, foi aqui recebido com um gesto pouco habitual: beijaram-lhe a fronte, porque era aí que os lábios da mãe lhe costumavam tocar<sup>29</sup>. Este episódio testemunha bem o fervor da celebridade e portanto é neste contexto que devemos interpretar e posicionar os actos e gestos, obras e iconografias “repetidas” de seguidoras, como é o caso da Rainha Santa ou Santa Isabel de Portugal.

### Rosa da Casa de Aragão

Com isto chegamos ao tema que nos propusemos estudar: evidenciar, pela filiação do seu motivo principal, os contactos existentes entre dois cultos e atributos paralelos que assentam numa mesma espiritualidade. Trata-se de duas santas rainhas, de vidas convergentes e em atitudes afins, em dois dos pólos extremos da Europa medieval. Porque menos conhecida do público português, pareceu-me necessário apresentar de forma mais detalhada a figura de Santa Isabel da casa dos Árpades. Já em relação à sua sobrinha-neta, a Rainha Santa, penso ser desnecessário abordar a sua biografia e hagiografia em idênticos termos, uma vez que já foram sobejamente estudadas e, segundo creio, permanecem bem conservadas na memória colectiva<sup>30</sup>. Por esta razão, e sem nenhum intuito repetitivo, gostaria apenas de recordar alguns dos elementos que julgo aqui mais pertinentes.

Não resta qualquer dúvida – em nenhum dos registos que tratam desta temática – de que a Rainha Santa é “predestinadamente marcada” para seguir o exemplo de Santa Isabel da Hungria. Tal facto nota-se na própria escolha do nome<sup>31</sup>, que todos sabemos ser portador de importantes mensagens e veículos culturais subjacentes. No nome Isabel do baptismo quis-se

<sup>26</sup> Santa Isabel da Hungria ou Turíngia tornou-se, portanto, um celebrado exemplo-modelo para a “ordem terceira” da espiritualidade franciscana, e a partir da sua canonização (1 de junho de 1235), o fenómeno revelou-se ainda mais evidente. Cf. Klaniczay, *op. cit.*, p.312.

<sup>27</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>28</sup> As *Meditationes vitae Christi* atribuídas a S. Boaventura apareciam, não raras vezes, coligidas, a partir de 1320, em um opúsculo intitulado *Revelationis beate Marie virginis factae beate Elisabeth filie regis Ungarie*. Cf. Klaniczay, *op. cit.*, p.291.

<sup>29</sup> “la royne Blanche le besoit ou front par devocion pour ce que ele entendoit que sa mere l'avoit maintes fois besiè”, Joinville, *Vie de Saint Louis*, ed. Jacques Monfrin (Classiques Garnier, Paris, 1995), cap. 96, p.48.

<sup>30</sup> Para tal efeito muito contribui a existência de uma excelente monografia, da autoria de A. G. Vasconcelos: *A evolução do culto de Dona Isabel de Aragão*, 2 vols., Coimbra, 1891-1894, em boa hora reimpressa em edição fac-similada pelo Arquivo da Universidade de Coimbra, em 1993. Esta vasta obra de investigação esclarece de forma exhaustiva a maioria dos aspectos.

<sup>31</sup> Na *História Popular da Rainha Santa Isabel, protectora de Coimbra*, Mesa da Confraria da Rainha Santa Isabel, p.12, afirma-se, por exemplo: “Segundo a vontade de sua mãe, D. Constança, foi preferido o nome Isabel, em recordação de sua tia Santa Isabel da Hungria, cujas virtudes deviam servir-lhe de modelo e a cujo celeste patrocínio e piedade materna queria confiá-la”.

celebrar uma Santa “dinástica”, cujo culto na Catalunha e em Aragão estava divulgado<sup>32</sup> e do qual se conservam importantes textos<sup>33</sup>. Os contactos entre a Espanha e a Hungria, através dos laços dinásticos e outros, favoreciam tal memória<sup>34</sup>. Santa Isabel de Portugal, de quem a historiografia destaca em especial o “dom de intercessora”, não deveria exercer apenas as suas virtudes aquando dos conflitos políticos. Com efeito, foi chamada a desempenhar também uma importante função de “ponte” na difusão e aprofundamento do culto da sua tia-avó. A este propósito deveremos mencionar a grande obra de caridade que foi a edificação do mosteiro de Santa Clara de Coimbra, dedicado a Santa Clara e a Santa Isabel da Hungria, fundado primeiramente por D. Mór Dias e que teve em D. Isabel de Aragão uma “segunda fundadora”<sup>35</sup>. Não é de estranhar que o hospital adjacente, que na sua categoria de “hospital público” era o maior do reino naquele momento<sup>36</sup>, também conservasse o nome de Santa Isabel da Hungria. Neste lugar, inclusivamente, reforçou o culto da sua santa parente através de disposições testamentárias<sup>37</sup>. Por último, gostaria de sublinhar que, apesar de ser “habitual” a ocorrência deste tipo de atitudes beatas, elas revelam elementos que evidenciam o carácter do “exemplo dinástico” da beata estirpe na beneficência<sup>38</sup>.

### Rosas e Épocas

Quanto ao motivo iconográfico das suas rosas, o primeiro texto identificado onde aparece o lendário “milagre das rosas” de Santa Isabel de Portugal data do século XVI, e prende-se com a gratificação de dois oficiais envolvidos na construção do Convento do Espírito Santo em Alenquer<sup>39</sup>. Tudo indica, porém, que na evolução dos aspectos iconográficos, para além dos laços dinásticos

<sup>32</sup> Cf. Asztrik Gábel: “El culto de Santa Isabel de Hungria en España durante la Edad Media”, *Separatum de Estudios*, 5 (1952), Medieval Institute, University of Notre Dame. A versão húngara deste texto foi publicada já em 1944, Pécs, Különnyomat a Jászóvári Premontrei kanonokrend gödöllői Szent Norbert Gimnázium 1939-40-i évkönyvéből, com o título de *Szent Erzsébet tisztelete a középkori Spanyolországban*.

<sup>33</sup> O Manuscrito BN Paris, Mss. Esp., fol. 87-88, descrito em Gábel, *op. cit.*, p.6-10, um hino laudatório que começa com o verso *Elisabeth muy preciosa*, encontra-se editado em R. Foulché-Delbosc: *Cancionero Castellano del Siglo XV*, tomo 1, Madrid, 1912, e citado pelo mesmo autor. A própria bibliografia electrónica de textos medievais, BITAC, também indica para o século XIV versões como o *Llibre del rey de Ungria (1390-1400)*, *Filla del rei d'Ungria*, *La Historia de la filla del rei d'Ungria*.

<sup>34</sup> Ádám Anderle, *op. cit.*, e Zoltan A. Ronai: “Santiago e los hungaros”, separata de *Compostellanum*, vol. XLII, nos. 3-4, Santiago de Compostela, 1997.

<sup>35</sup> Helena Costa Topa: “Uma descrição quinhentista do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha”, *MÁTHESIS*, Viseu, 1988, p.78.

<sup>36</sup> Cf. Sérgio Luís de Carvalho: *Assistência e Medicina no Portugal Medieval*, Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1995, p.18-19.

<sup>37</sup> “Nos anos da viuvez, dos seus melhores desvelos alguns foram para o Hospital de Sta. Isabel de Hungria, que por então ordenou. Já em 27 de Outubro de 1332 alcançara do Papa João XXII bula de fundação” — escreve Fernando Félix Lopes, O. F. M, no seu artigo dedicado ao assunto: “Breve apontamento sobre a Rainha Santa Isabel e a Pobreza”, incluído no volume *A Pobreza e a Assistência aos Pobres na Península Ibérica durante a Idade Média. Actas das 1as. Jornadas Luso-espanholas de História Medieval*, Lisboa, 25-30 de Setembro de 1972, Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1973, tomo II, p.538. Cf. também o *Codicilo*, feito em 12 de Março de 1328, em A. de Vasconcelos, *op. cit.*, p.19-22.

<sup>38</sup> Ver nota 25, bem como o nosso artigo: “Párhuzamos élet-rajzok Filológiai észrevételek Árpád-házi és Aragóniai Szent Erzsébet rózsacsodáihoz” (Vidas e ícones paralelos...), in: *A középkor szerete, Történeti tanulmányok Sz. Jónás Ilona tiszteletére* (O amor ao medieval, Ensaios históricos em honra de Ilona Sz. Jónás), szerk.(org.) Klaniczay Gábor-Nagy Balázs, Budapest, p.378.

<sup>39</sup> Passamos a citar elementos que foram referidos pelo Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro numa entrevista concedida a Francisco Fontes da Agência Lusa e reproduzidos na imprensa coimbrã a 6 de Julho de 1998, com o título de “Correcção histórica sobre Isabel de Aragão. Milagre das Rosas: lenda ou realidade?”. Sobre os aspectos da sua interligação com o culto popular cf. Pierre Sanchis: “The Portuguese -romarias-”, in Stephen Wilson: *Saints and their cults, studies in Religious Sociology, folklore and History*, Cambridge, Cambridge University Press, 1983, p.261-289.

atrás referidos, teve um papel importante a divulgação literária do motivo, contributo das grandes colectâneas hagiográficas e de textos autónomos em latim, castelhano e francês que, provavelmente, se influenciaram entre si <sup>40</sup>. Salientamos todavia o interesse muito especial que o motivo tem quando é incorporado no próprio processo de canonização, que passamos a citar: “*Cum Beata Regina quandam pecuniae quantitatem inter pauperes distribuendam in sinu gestaret occurrit illius Rex Dionysius illius maritus, et eam quid in sinu differet interrogavit, cui Regina respondit Rosas deffere. Rex que tetigit quid portaret, et aperto sinu invenit rosas recentes, cum esset in media hyeme, unde evenit quod ex post facto continuis, et successivis temporibus cum rosis in sinu praedicta Regina depingatur*” <sup>41</sup>.

Associado desde cedo a um culto local, presente nos contos populares, ficaria a Santa ligada às representações posteriores dos atributos que por agora deixamos de estudar, para retomar tão só alguns curiosos casos de correcção e de “hiper-correcção” setecentistas. Trata-se das representações de Santa Isabel da Hungria no Convento de Mafra, onde encontramos tanto a representação da sua figura, como do motivo central do “milagre das rosas” em duas imagens, mas com funções totalmente diferentes. “No retábulo de 1761 junto da Virgem entronizada e coroada por dois anjos, tem aos seus pés em adoração uma série de Santas Virgens, entre as quais se reconhecem Santa Clara com o ostensório, Santa Rosa de Viterbo “sonhando” com a paixão e seus instrumentos, Santa Isabel da Hungria e a Rainha Santa, reproduzindo a iconografia das esculturas de vulto, coroas aos pés tendo a mulher de D. Dinis as rosas no regaço” <sup>42</sup>. Na zona inferior da fachada surge-nos a imagem de Santa Isabel Rainha da Hungria – junto com Santa Clara – no hábito da Ordem Terceira de São Francisco, mas eliminadas as flores do milagre que as celebrizou. Porquê? Tudo parece indicar que o episódio do célebre milagre popular estava reservado com carácter exclusivo para a Rainha Santa, “constituindo um processo de apropriação nacional do milagre” <sup>43</sup>. Como explicar então a presença, à primeira vista redundante, da Santa húngara? De acordo com as pistas de José Fernandes Pereira, que seguimos a este respeito, podemos concluir que é precisamente “a sua origem e vida na Europa Central, área de procedência de D. Mariana de Áustria responsável já pela introdução do culto e devoção de outros santos da mesma zona, que justifica em definitivo o destaque da Santa em Mafra” <sup>44</sup>. Para fechar o círculo, fica ainda por apontar um curioso documento coevo: a *Demonstração genealógica...*, de Manuel Caetano de Sousa, que prova que D. Mariana de Áustria era descendente de Isabel, Rainha de Portugal, e que dá a entender que as leituras do passado sujeitam-se, não poucas vezes, ao gosto da ostentação e do poder.

Concluimos com Georges Duby: “Prend-on les vies de saints pour ce qu’elles sont les armes parmi les mieux fourbies d’une lutte ideologique, elles montrent comment la réalité vécue fut manipulée pour les besoins d’une cause, désarticulée, remontée pour la mise en scène d’un endoctrinement” <sup>45</sup>.

<sup>40</sup> “Isabel de Aragão encontra-se confundida, antes de mais, com sua tia, Santa Isabel da Hungria; para os milagres, penitências e benfeitorias da rainha portuguesa, os cronistas ou os seus informantes, que são muito posteriores à época da rainha portuguesa, as coincidências são interessantes, como o testamento do marido e a administração dos seus próprios bens, a sua viagem a Compostela (à Terra Santa, para a sua tia), a instituição de enfermarias, o tratamento de doentes, as penitências, etc.. Alguns milagres constando do seu processo de canonização são da *Lenda Dourada* referentes a Isabel da Hungria, como a cura de apenas um olho num cego, o -odor agradável- que o seu cadáver exalava ao fim de quatro dias, etc.. O milagre das rosas também é de origem húngara”, afirma Moisés Espírito Santo: *Origens Orientais da religião popular portuguesa seguido de Ensaio sobre a Toponímia Antiga*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1988, p.193.

<sup>41</sup> *Sextum miraculum in vita...* Cf. A. de Vasconcelos, *op. cit.*, apêndice documental.

<sup>42</sup> José Fernandes Carrola Pereira: *Retórica da Perfeição (sobre arquitectura e escultura de Mafra)*, texto policopiado da dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada na Universidade Nova de Lisboa, Outubro de 1992, vol. 3, p.608.

<sup>43</sup> Idem, *ibidem*, p.528.

<sup>44</sup> Idem, *ibidem*, p.564.

<sup>45</sup> Georges Duby: “Le chevalier, la femme et le prêtre”, in: *Féodalités*, Paris, Gallimard, 1996, p.1256.